Produzir

Custos pressionam a agricultura



Cesário Ramalho da Silva*

O GOVERNO acenou com a possibilidade de reduzir a carga de impostos sobre as importações de fertilizantes, entre outros agroquímicos. Se concretizada, será uma medida de grande valia para o produtor rural em tempos de desvalorização do real ante o dólar.

Isso porque se a apreciação da moeda norte-americana é positiva para as exportações, por outro lado, é negativa para a aquisição de insumos e ocorre justamente na época do ano em que o produtor está indo às compras para compor o pacote tecnológico da safra de verão.

São inúmeras as estatísticas que mostram os ganhos de produtividade do agro brasileiro, destacando que, cada vez mais, o produtor faz mais (e melhor) com menos. No entanto, essa evolução tem seu preço, que também fica cada vez mais caro.

Tomando como base o custo de produção da soja por dólar/*bushel*, a despesa do produtor dentro da fazenda saltou de US$ 2,00, em 2002, para US$ 6,20, em 2012. Já os custos logísticos até o porto subiram de US$ 3,90 para US$ 12,10, no mesmo período. Os números são da Agroconsult. Dados da Ocepar mostram que o frete de Sorriso (MT) para Paranaguá (PR) subiu de R$ 190 a tonelada, na safra 2011/12, para R$ 270, no ciclo 2012/13.

Estes são somente alguns dados que ilustram o tremendo esforço financeiro que o agricultor vem fazendo para se manter competitivo, abastecer (com quantidade, qualidade e preços satisfatórios) a mesa do brasileiro e, simultaneamente, gerar excedentes exportáveis e receita para o País.

O torniquete dos custos de produção está cada vez mais apertado no campo. Além da inflação ligada ao vaivém dos mercados, exigências ambientais e trabalhistas – apenas para ficar em duas – acentuam ainda mais os gastos do produtor. O valor da mão de obra cresce exponencialmente, em paralelo com o aumento das máquinas agrícolas. A mesma carestia ataca a conta da energia elétrica, assim como o preço de combustíveis fósseis (óleo diesel), já majorado neste ano.

Outra chaga que atinge o setor produtivo – não só o agro – é o fardo fiscal. Se não bastasse a carga de impostos beirar 38% do PIB, uma empresa média no Brasil gasta 2,6 mil horas por ano para cuidar de suas obrigações tributárias, contra 300 horas em países que tratam bem sua iniciativa privada, aponta recente estudo divulgado pelo Movimento Brasil Eficiente (MBE).

O Brasil desenvolveu o mais bem-sucedido modelo de agricultura tropical, impulsionado por pesquisa, tecnologia, empreendedorismo, condições naturais favoráveis, entre outros fatores.

Somos competitivos dentro das fazendas, mas, fora, o produtor sofre as mesmas mazelas de quem mora nas cidades, como os desafios em mobilidade (escoamento da produção), educação (falta de assistência técnica e extensão rural), saúde precária (defesa sanitária deficiente), e assim por diante. O agro não só apoia as recentes manifestações, como se sente parte delas.

A imensa maioria, senão a unanimidade das projeções, aponta para aumento significativo da demanda mundial por produtos agropecuários, com o Brasil posicionando-se como um grande provedor, como o guardião da segurança alimentar e da energia limpa do planeta.

Contudo, é imprescindível que o País supere (ou, ao menos, comece a encaminhar) a resolução de uma série de entraves para efetivamente se situar como o "grande celeiro do mundo", a começar, por exemplo, pelas questões relacionadas à segurança jurídica vinculada ao direito de propriedade, que, ainda hoje, sofre ameaças de ser relativizado.

A agenda precisa contemplar ainda soluções para as incongruências nas legislações trabalhista e ambiental, a paralisia das negociações internacionais, o impasse jurídico para participação de capital estrangeiro na compra de terras, entre outros desafios.

Não se nega o efeito benéfico, embora paliativo, de eventuais desonerações. Entretanto, o que o Brasil precisa mesmo é de um ambiente regulatório mais qualificado, que acene com mais previsibilidade para a tomada de decisão dos setores produtivos e, simultaneamente, funcione como ímã para atração de investimentos. ■

*Produtor rural e presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)